



**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**Cinemateca Júnior**

**FOUR DAUGHTERS/ 1938**  
**(Quatro Filhas)**

***Um Filme de Michael Curtiz***

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Julius J. Epstein e Lenore Coffee, segundo Sister Act de Fannie Hurst / Fotografia: Ernie Haller / Direção Artística: John Hughes / Música: Max Steiner / Montagem: Ralph Dawson / Intérpretes: Claude Rains (Adam Lemp), May Robson (Tia Etta), Priscila Lane (Ann Lemp), Lola Lane (Thea Lemp), Rosemary Lane (Kay Lemp), Gale Page (Emma Lemp), Dick Foran (Ernest), Jeffrey Lynn (Felix Deitz), Frank McHugh (Ben Crowley), John Garfield (Mickey Borden), Vera Lewis (Mrs. Ridgfield), Tom Dugan (Jake), Eddie Acuff (Sam), Donald Kerr (Earl).

Produção: Hal B. Wallis, para a Warner Bros. / Cópia digital, preto e branco, legendagem eletrónica em português/ Duração: 89 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, em 24 de setembro de 1938 / Estreia em Portugal: São Luís, Lisboa, em 19 de janeiro de 1942.



NOTA: Esta folha foi originalmente escrita para uma exibição do filme no contexto de um ciclo dedicado a John Garfield, o ator que desempenha o papel de Mickey Borden.

Com **Four Daughters** damos início a outro “mini-ciclo” dentro do ciclo com que se celebra o Actors’ Studio. Este dedicado a John Garfield que mais do que qualquer outro pode reivindicar o direito de ser considerado como o primeiro ator do “Método”. Não que ele tenha passado pela escola de onde saiu Marlon Brando, mas porque é ele que traz para o cinema, no fim da década de 30, um novo estilo de representar com as mesmas. O que não deixa de ser sugestivo: tanto Garfield como Brando além de provocarem uma revolução (seria curioso fazer-se o balanço de quantos “imitadores” de Garfield surgiram na década de 40, que não são poucos), tornaram-se atores carismáticos desde as suas estreias. As diferenças têm mais a ver com os tempos em que cada um apareceu, com Garfield libertando-se da política do estúdio (e dos papéis “impostos”) só em 1947 a partir de **Body and Soul** de Rossen (que iremos ver na 3ª Feira). Nesta última fase se encontram alguns dos seus mais notáveis trabalhos, em particular **Gentleman’s Agreement** de Kazan (que veremos em janeiro) e aquele que

contem a que é reconhecida como a sua maior criação de sempre: **He Ran All the Way/Desafio à Morte** de John Berry, que foi também o seu último filme. Mas as “aproximações” entre Garfield e Brando não são apenas de “estilo”. Se o primeiro não “passou” pelo Actors’ Studio teve, porém, os mesmos mestres. Trocado por miúdos quer isto dizer que Garfield é um dos muitos jovens atores que se formaram no Group Theatre fundado em 1930, e que teve por professores gente como Cyndy Crawford, Harold Clurman e Lee Strasberg que estavam á frente do Group, e Stella Adler, entre outros. Quem conhece alguma coisa disto sabe que são exatamente os mesmos que vão formar na década seguinte o Actors’ Studio (a que se juntou outro colaborador do Group: Elia Kazan). E tal como este “surgiu” para levar mais longe as experiências no trabalho de representação, a partir dos ensinamentos de Stanislawski, não esqueçamos que o Group Theatre nasce de uma rutura no Theatre Guild feita por três “radicais” (Crawford, Clurman e Strasberg) tendo por objetivo impulsionar o método de Stanislawski. Garfield aparece no elenco de algumas das peças mais importantes do Group na década de 30 como **Awake and Sing** e **Golden Boy**. Mantendo a sua atividade como ator de teatro participa no pós-guerra em peças como **Skipper Next God**, encenada por Lee Strasberg e, em particular em **The Big Knife** (1949) também encenada por Strasberg e escrita por Odets especialmente para Garfield (o seu papel seria interpretado na versão cinematográfica de Aldrich pelo ator do “método” Jack Palance).

Falei ao começo na entrada “retumbante” que Garfield fez no cinema com este filme. De facto, a sua estreia tivera lugar cinco anos antes em **Footlight Parade/Mil Apoteoses** de Lloyd Bacon (quase como figurante num dos números musicais encenados por Busby Berkeley: **Shangai Lil**), numa breve passagem por Hollywood, voltando a seguir a Nova Iorque. Quando a Warner levou ao cinema a novela de Fannie Hurst **Sister Act**, que se tornou **Four Daughters**, Michael Curiz pensara primeiro em Burgess Meredith para o papel de Mickey Borden, sendo substituído por Garfield por se encontrar na Europa. A substituição resultou mais feliz do que os produtores esperavam, pois a imprensa do tempo destacou a poderosa interpretação do ator, identificando de forma definitiva personagem e ator (Garfield teve aqui a sua única(!) nomeação para o Oscar). O filme foi um êxito, porque ao tema “familiar” em voga (de Little Women de Cukor ao filme de Henry King sobre os famosos “quíntuplos” que apaixonaram a América dos anos 30, **The Country Doctor/As Cinco Gémeas**) juntava um elemento de “reação”: a figura perturbada de Mickey Borden, um pianista presa de fantasmas pessoais (para o qual Garfield se inspirou na figura de Oscar Levant, nosso bem conhecido dos musicais de Minnelli) que passa como um meteoro trazendo o drama e a separação, redimindo-se num suicídio que constitui um dos momentos mais fortes do filme. A Warner apostou logo numa “continuação” com resultados mais que curiosos. De facto, o personagem que maior popularidade deu ao filme, o de Mickey Borden morre no fim do filme, como já dissemos. Como resolver a questão? Em vez de uma “sequela” fez-se uma nova versão no ano seguinte, quando Garfield era já um nome seguro e se confirmara em filmes como **They Made Me a Criminal** de Berkeley, **Blackwell Island** de William McGann e **Juarez** de William Dieterle, e que se chamou **Daughters Courageous/Filhas Corajosas**, exatamente com o mesmo elenco, explorando um tom de comédia em vez do drama. Mas houve, logo a seguir, uma verdadeira “sequela” de **Four Daughters** que teve por título **Four Wives/Quatro Noivas** e, para capitalizar ainda a imagem de Garfield a Warner aproveitou alguns planos com o ator não usados em **Four Daughters** para os incluir numa espécie de “flash-back” onde se evoca a memória de Mickey. Houve outra “sequela”, **Four Mothers/Quatro Mães**, mas aí já não houve “lata” para reincidir. (O filme seria refeito de novo pela Warner em 1954 em **Young at Heart/Apaixonadas** de Gordon Douglas com Frank Sinatra no papel que cabia a Garfield, ao lado de Doris Day). **Four Daughters** tinha ainda outra curiosidade para apelar ao público: o facto de 3 das atrizes serem irmãs na vida real: Priscilla, Lola e Rosemary Lane, sendo Gale Page a “estranha” necessária para preencher o número. A carreira das três manas foi breve, mas mesmo assim ainda deu para Priscilla ganhar alguma popularidade, com a Warner capitalizando a popularidade do par que formara com Garfield na nova versão (**Daughters Courageous**) e em **Dust Be My Destiny/Cruel É o Meu Destino**, embora hoje seja mais recordada pelos cinéfilos pelo seu papel de noiva de Cary Grant em **Arsenic and Old Laces/O Mundo É Um Manicómio** de Capra.

Manuel Cintra Ferreira